

VERA DA SILVA TELLES

Queria que a senhora começasse falando onde nasceu.

Nasci em 51, em São Paulo. Sou de uma família tradicional paulista. Eu sou de uma família de tradição de intelectuais e tal. Não, então, enfim, daí eu fiz o escolar, fiz sempre nos colégios de elite, como toda menina bem nascida daqui de São Paulo e nunca me passou pela cabeça não fazer universidade. Isso era uma coisa não fui, vamos dizer, pra minha mãe – que também já tinha, ela fez, ela foi uma das poucas mulheres da geração dela que fez universidade, ela fez história na USP – e, digamos, eu não fui criada pra casar, eu fui criada para entrar na universidade. E do casamento, se eu casar – ótimo! – entendeu, mas, enfim, não era nada contra, mas, enfim, o importante era fazer universidade, o importante era trabalhar, o importante então, vamos dizer, eu tive uma formação muito... fui muito orientada pra isto. Então quando eu entrei na universidade isso foi significa que, enfim, eu fui fazer o cursinho em 69. Quer dizer, era logo após o Ato Institucional, então era tudo muito politizado também. Era um período muito, muito politizado e... eu fiz o colegial no colégio... eu fiz o colégio num colégio de freira. Então, eu não participei de movimento secundarista, tal. Mas a minha família inteira estava metida nisso. Minha mãe era historiadora, meu pai, ele, na época, era casado com uma artista plástica, mas ambos convivendo com uma, com uma a turma de esquerda, na época. Muito jornalista, gente de teatro.... Enfim, então, enfim, eu nunca, eu não cheguei a participar de movimento secundarista essas coisas. Mas, enfim, essa coisa era o ambiente que se respirava. Então eu entrei em ciências sociais. Não, eu pensei, eu pensei “vou fazer história, vou fazer filosofia, vou fazer ciências sociais”. Tinha um pouco, no circuito das humanidades. Não me lembro exatamente porque eu decidi fazer ciências sociais. Não sei, mas era uma coisa... Não me lembro que tenha sido uma decisão difícil, não. Eu entrei porque entrei, porque acho que era um pouco... a época. Eu fiz a graduação na USP e... e fiz, na verdade, enfim, eu sou uma chamada “filha da USP”, porque eu fiz a graduação, o mestrado e o doutorado na USP. Mas, na verdade eu fui, saí pra estudar fora apenas no pós-doutorado.

Dentro da sua trajetória inicial nas ciências sociais, como é que a senhora foi se aproximando do seu tema, movimentos sociais?

Eu entrei porque eu era uma militante. Eu entrei em 70. Bom, o clima que eu entrei, na verdade é, porque dizem que eram os anos de chumbo, o chamados anos de chumbo: professor que sumia, polícia que entrava em sala de aula pegando colegas, a universidade cercada... Então, era uma coisa... era meio inescapável nunca me envolvi no movimento estudantil, mas muito cedo, enfim, encontrei, tinha um colega, tal, que começou a fazer minha cabeça, aquela coisa que se fazia na época, e eu fui parar na periferia. Então em 72 eu fui dar aula em um colégio primário no fundo da

zona sul paulista. É uma região que, ainda hoje, é muito longe. É muito longe. Eu fui dar aula em primário, pra criança. Pra criança... e nunca gostei de criança, mas na verdade era – não que eu tivesse alguma vocação pra isso, muito pelo contrário, eu detestava aquilo – mas que era a maneira que eu tinha de entrar num bairro – entendeu ? – onde tinha uma associação de moradores, enfim, me levaram... E na verdade eu tive a sorte, acredita, uma coisa bem de acompanhar o começo do comecinho das famosas Comunidades Eclesiais de Base. Na época... depois eu vinha a saber, eu era uma menina, vim do colégio de freira, louca pra conhecer gente de esquerda, mas bobinha, completa bobinha. Então era isso, era um cara e tal, acho que era um cara da época, era uma cara do PCdoB, só que eu só descobri isso muito tempo depois que estava, enfim, querendo me ganhar evidentemente pro partido. Coisas da época... Mas o fato é que eu despenquei, nunca entrei em organização nenhuma, até porque nessa época tinha um grupo, um grupo político, era um de dissidência. Como é que era? Nem me lembro mais como é que esse grupo se formou. Juntava gente da universidade, gente de fora, mas anti-leninista, que na verdade eu aprendi política lendo Rosa de Luxemburgo. E acho que daí pra Hanna Arendt foi um pulo. E...

Um grupo meio exceção à regra nessa época.

Completamente. Então eu já lia Rosa Luxemburgo em 1971. Era um grupo muito pequeno, não é um grupo que se colocou... eu não saberia dizer como é que ele surgiu. Eu acho que é uma dissidência, uma herança da POLOP, uma herança trotskysta, certamente. Evidente que eu lia Trotsky com muito prazer. Então é uma mistura de Trotsky com Rosa de Luxemburgo. E deu uma coisa que depois ficou muito próxima dos autonomistas italianos e, não por acaso, depois eu me liguei ao pessoal do Eder Sader. Era uma coisa que misturava isso com uma pitada de esquerda operária. Então, daí eu fiquei lá, despenquei lá, certamente não me vinculei a nenhuma organização tipo PCdoB, porque a essas alturas eu já estava, enfim, localizando um pouco mais as coisas e estava com esse grupo, tinha esse grupo de referência. Daí eu fiquei alguns anos... bom, um tempo, pelo menos nesse lugar que era um fim de mundo. Depois eu acabei, que era uma associação de moradores, e depois eu, enfim, não me dei muito bem porque eu tinha que dar aula num... era uma coisa que pra mim era muito penosa. Não me lembro mais, enfim, como é que as coisas se deram. Mas eu sei que, no final das contas, eu estava trabalhando na Paróquia de Vila Remo. A Paróquia de Vila Remo era o quartel general das comunidades de base. Da ala de esquerda das comunidades de base. E daí me vinculei também ao pessoal de oposição sindical metalúrgica. E aí... e aí foi um pouco essa história. Daí por volta de... 76, eu acho, eu acabei tendo problemas com essa turma toda, que a turma do PCdoB entrou e eu não aceitava gente que não... que no fundo hegemonizou abertamente. Então eu acabei pulando fora e montei uma escola.

Isso já depois da sua graduação...

É. Eu, na verdade, voltei pra universidade quase na última hora de perder o mestrado. Eu me formei em 75. Se não me engano em 76 eu prestei o mestrado, praticamente abandonei e voltei no último ano. Os prazos também eram mais... mais amplos. Mas aí eu montei uma escola madureza, eu e mais um grupo de amigos que eram também, todo esse grupo, meio luxemburguista. E que é um pouco, enfim, querendo alguma coisa de uma opção operária e não popular. Naquela época essa era uma discussão importante. Era aquela que fazia diferença com o PCdoB e, vamos dizer, a linhagem mais de inspiração trotskysta, porque era mais operária. Então montamos uma escola pra trabalhar com operários. Isso foi... isso durou bem uns três, quatro anos, daí vieram o período das grandes greves. Claro, as greves passavam no meio da escola. Sim, porque a escola estava no meio das fábricas. Era uma escolinha no meio das fábricas. Daí, eu participei ativamente das grandes greves, o projeto altura já estava vinculado como apoio, como grupo de apoio à oposição sindical metalúrgica. E nesse meio tempo eu conheci... eu acho que eu volto pra Universidade... não me lembro exatamente como é que foram os caminhos que me levaram ao Eder Sader e ao Marco Aurélio Garcia, que na época eles tinham acabado de voltar do exílio, organizando aqui o grupo de autonomia, ao qual eu me vinculei, em torno da revista Desvios. Então, quando eu escrevi o meu mestrado com o Lúcio Kowarick, na verdade eu vinha... que no fundo, o que eu trabalhei nesse mestrado foi um pouco a minha experiência de periferia. Então, na verdade, eu conto a história desses anos de chumbo, o começo... porque na hora que eu vi como é que a oposição sindical metalúrgica se organizava no estado, existe toda uma discussão da relação entre o movimento operário e o movimento popular. Então, no fundo, eu venho, eu venho um pouco dessa experiência. E aí, é isso que me relaciona à discussão de movimentos populares. Então, eu nunca me esqueço do espanto do Eder quando eu me encontrei com ele, porque, na verdade, eu estava muito atualizada em toda uma discussão que eles estavam trazendo. Mas é que eu exatamente, eu vinha exatamente pelo crivo da militância e estava atrás dessas discussões que estavam vindo, que eram inteiramente marginais na ambiência de esquerda, mas que eu sempre...

A senhora lia via grupo e via sua atuação e essas leituras nada tinham a ver com o que estudava na sua graduação?

Não. Eu sempre... quer dizer, eu sempre tive umas parabólicas. Eu reconheço que as minhas antenas, elas são um pouco parabólicas. Então... e sempre muito fora da onda, um pouco. Então, de repente eu só vim a me dar conta disso muito tempo depois. Que eu estava inteiramente, era inteiramente um ponto fora da curva. O tipo de coisa que eu lia, o tipo de coisa que me interessava. Quer dizer, eu muito lia coisas trotskystas, mas eu nem sequer tinha muita idéia de qual era a polêmica trotskysta-leninista, pra mim essas coisas... Quer dizer, eu sempre... a minha cabeça

sempre foi muito pouco político-partidário, vamos dizer assim. Então, essas polêmicas mais partidárias, pra mim, entravam por um ouvido e saíam por outro. Eu nunca consegui registrar isso muito bem. A não ser aquilo que eu lia, evidente, nas polêmicas que estavam na literatura, é claro. Mas enfim, eu, eu... então eu acho que foi um pouco assim. Então, quando eu entrei, quer dizer, eu fui ler a Hanna Arendt, ninguém lia. Quer dizer, eu fiz uma tese de mestrado, uma dissertação de mestrado “arendtiana” de ponta a ponta. Quando foi em 1980 eu já tinha lido quase tudo de Hanna Arendt. E... aí o que eu tenho impressão que quando deu a virada, quer dizer, foi o meu encontro com o Eder e a Maria Célia. Eu acho que foi um encontro importante. O Eder, no fundo, trazendo um pouco... eu acho que a vinculação militância, a política e a academia – que evidente era uma pessoa com muito maior erudição do que a minha – mas então tinha um pouco, tinha uma ponte fortíssima comigo, que vinha um pouco dessa literatura... todo autonomista que eu conhecia e que, de alguma maneira, eu praticava. Seja via movimentos populares, mas sobretudo pela vinculação operária. Porque era a turma que defendia as oposições sindicais, as comissões de fábrica. Então tinha toda uma literatura sobre comissões que vinha exatamente das várias linhagens autonomistas franceses e italianos. Então me vinculei fortemente a isto. Cheguei a me vincular a grupos, cheguei a escrever sobre isso. Fazia assessoria pra grupos de comissão de fábrica. Eu tive uma atuação bastante forte em relação a isto. Pequeninha, porque era tudo pequeno, artesanal e tal. Mas eu era muito umbilicalmente ligada a isto. Então, quando... na verdade, quando... meu encontro com o Eder foi um encontro de almas gêmeas. E a Maria Célia trazia coisas pela erudição acadêmica. E ela foi fazendo a elaboração toda, foi percebendo sinais disso pela produção mais acadêmica – que, naquela época era acadêmica, mas era tudo tão militante.. Então foi um pouco esse encontro. Mas a... mas o meu... a minha entrada veio muito mais no percurso anos 70, desse jeito, de que propriamente um percurso acadêmico. Mas é por isso que se presta atenção nas gerações. Porque eu tenho impressão que anos 80, a minha geração, que entrou na faculdade nos anos 70, primeiro fez uma carreira acadêmica tardia.. Porque, na verdade, estava fazendo política. Que eu fui fazer meu mestrado depois dos 30. Então é uma outra relação com a universidade, inclusive. Então, se eu for comparar com meus colegas, seja de geração um pouco anterior a minha, como é o caso da Maria Célia, seja os que vieram depois, é uma geração que teve uma carreira acadêmica tardia. Porque tem os anos 70 que marcaram muito. Essa turma estava na política. Parte dela. Ou na esquerda clandestina. Pra mim era semi-clandestina, porque eu não tinha nenhum partido, mas era semi-clandestina, porque estava... fazia coisas proibidas. Era a Pastoral Operária e a Oposição Sindical Metalúrgica.

A senhora falou que assessorou comissão de fábrica. Escrevia pra trabalhadores? Compilava as discussões deles? Queria que desse alguns exemplos.

É, foi assim. Quer dizer, durante algum tempo – enquanto a coisa estava muito sediada nos bairros – aí a coisa estava mais distante. Eu fazia muitas tentativas de me aproximar ao pessoal da Pastoral Operária e... nem sempre bem sucedida porque eles tinham lá os critérios também de aproximação. Eu era muito menina. Eu era muito... e muito bobinha, eu não tinha a menor idéia, a menor idéia dos comprometimentos políticos envolvidos. E dessa época, quer dizer, até o momento que eu montei a escola – eu e mais um grupo de colegas – eu trabalhava muito com aquilo que se chamava, na época, educação de base. Naquilo que eram as comunidades que estavam se constituindo. Depois, enfim, depois eu comecei a me desentender com aquilo, porque tinha, enfim, uma critica, eu achava tudo meio populista. Eu tinha uma coisa de procurar a coisa da prioridade operária, que é a classe, a classe operária, que foi quando, então, a gente montou essa escola. E aí uma tentativa de se aproximar da oposição sindical. A gente tinha uma concepção muito interessante, que era muito bonita, dizendo que a politização vem pras boas aulas. Então tinha uma coisa já posta no conhecimento. Porque eu dava aula de história. Então, quem dava aula de português trabalhava com bons textos. Não era nada de Paulo Freire – entendeu? – aquela mais pedagógica, mas um pouco na idéia de fazer uma aposta na inteligência das pessoas. Então, enfim, nós discutimos muito os conteúdos que a gente ia dar, então, pra ver como é que amplia os interesses de mundo, como é que amplia referências cognitivas, amplia referências de raciocínio. Então, isso através, então, seja na matemática, na história, em português, gramática, enfim, fazia um trabalho didático muito interessante. Essa escola durou três anos. E não durou mais porque logo depois vieram as grandes greves e aí os nossos alunos entraram. Era uma escolinha desse tamanho, era uma salica alugada. Mas que ficava no Largo do Socorro, que era o centro de organização das greves. Então as greves passaram no meio, e aí a gente rapidamente se vinculou aos vários grupos de apoio à organização das grandes greves. E daí eu me vinculei à Oposição Sindical. A gente era chamado os chamados grupos de apoio. E foi quando eu comecei a conhecer mais o pessoal do CPV, o pessoal da FASE. Tinha o pessoal do CPV, tinha o pessoal da FASE. E vamos dizer, era uma gente muito... eu acho que todos, por linhagens diferentes se aproximavam, desde uma concepção, no fundo, obreirista, mas que apostava nas comissões de fábrica, era vínculo enorme de confiança de suprimento do PT e suprimento da CUT na época. Havia toda aquela diferença que havia entre o movimento operário de esquerda paulista em relação ao do ABC. Porque tinha aquela coisa da origem do Lula, que teria sido, que era, enfim, um pouco herdeiro da estrutura sindical oficial... como é que chamava aquele cara lá, Paulo Vidal. Então, vamos dizer, tudo isso estava muito, muito quente e a gente fazia uma aposta exatamente contra o sindicato, até porque a gente tinha... era a alma do peleguismo que estava aqui na capital. Então é uma turma que via com muita reserva, seja a CUT, seja o próprio PT. Entrou, tal, mas... uma certa reserva. E... então, na verdade, nesse período de intensa mobilização, então não fazia sentido nenhum manter aquela escola e, no fundo, a opção foi: vamos nos vincular

aos grupos da oposição sindical. Naquela época ainda havia essa articulação muito forte pelas organizações de bairro. Então, casa de cultura, associações culturais, já era um pouco sede de organização da Oposição Sindical e a gente tentou um pouco se vincular a isso. E, passados os períodos mais ativos de greve, teve um grupo que se afinava muito que veio... pessoas que vieram de lugares muito diferentes: mais partidários, menos partidários, dissidências, não dissidências, inteiramente à toa como eu. Quer dizer, à toa eu quero dizer uma menina que veio, que despençou da universidade naquele negócio, não entendia muito do que se tratava. Eu demorei muito tempo pra entender as implicações políticas, sabe? Os nomes, as organizações, eu demorei muito tempo e eu acho que nunca entendi pra falar a verdade, nunca entendi isto. Enfim, eu era muito... caí lá de para-queda, achava tudo o máximo. É, mas enfim, daí teve um grupo que veio de origens muito diferentes, mas afinados nesse apoio à Oposição Sindical e nesta reserva. Em relação às políticas mais institucionais, mais radicais, sempre, sempre muito na reserva. Daí a gente montou um grupo que eu acho que foi uma das primeiras Ongs dos anos 80. Naquela época a gente nem falava em Ong. E um grupo que acabou se mantendo por um bom tempo chamado... como é que a gente chamou esse grupo? Era um grupo chamado Reconstrução das Lutas Operárias. A gente tinha uma sede muito mixuruca no centro da cidade e a gente se dispunha exatamente a fazer uma assessoria aos grupos operários. Eram militantes mais intelectualizados. E que vieram de várias praças, vamos dizer assim, e que se viravam profissionalmente de... tinha uma pessoa que era tradutor, o outro que era professor primário. Eu não era nada, estava terminando meu mestrado, me virando como podia também, fazendo pesquisa aqui, pesquisa ali. Era um bando esse meio. E aí a gente chegou a fazer, eu me lembro que eu cheguei a fazer junto com... na época foi quando eu conheci a Amnéris Maroni. Ficamos muito próximas, muito amigas. Ela participava não organicamente, mas era uma pessoa muito próxima. Então a gente escreveu, a gente fez muitas entrevistas, a gente fez... teve uma, uma... acho que foi numa história de um litígio fabril na Arno e que tinha... que colocava em pauta, enfim, tinha uma liderança muito importante na época, que era um cara da Oposição Sindical e ele foi demitido... Bom, então, com isso, a gente fez com ele uma série de entrevistas, uma série de debates pra reconstituir esta luta, uma luta de fábrica. E fizemos uma discussão sobre o que que era a comissão de fábrica e tal.

Como é que era essa dupla vivência... ao mesmo tempo estava estudando na universidade...

Era meio esquizofrênico. Daí teve um momento... quer dizer, quando eu me decidi sair disto, daí desse meio tempo eu tive que terminar o meu mestrado no sufoco, era o prazo final. Nesse meio tempo eu já participava desse grupo, de um grupo de estudo junto com a Maria Célia, o Eder e o Flávio Aguiar... tinha uma série... estavam estudando uma série de coisas. A gente lia, enfim, eram poucos, estávamos todos afinados nas perspectivas, foi quando a gente começou a ler Claude

Lefort, e daí pra ler o Claude Lefort a gente leu o Merleau-Ponty, então foi um grupo muito pautado por essas coisas. Eu era uma estudante de mestrado. Daí eu fiz um concurso na Unicamp e passei, em 84. E aí eu decidi, então, vestir a camisa da Universidade, como se diz hoje em dia. E aí eu abandonei o grupo de cá. Abandonei porque daí eu também tenho uma coisa curiosa, isto em 1984... 85, talvez... o meu concurso na Unicamp foi no final de 84, em 85 eu estava entrando na Unicamp como professora. Nesse meio tempo eu comecei a presenciar, participar de algumas organizações, articulações políticas que me deixavam horrorizada e eu fiquei muito assustada com as brigas, eu fiquei muito assustada com as baixarias, eu fiquei muito assustada com um golpeando o outro. E daí eu falei “bom, isto não é a minha praia”. Eram brigas mais partidárias... sabe, as vinculações partidárias começaram a se fazer presente, mesmo no mundo da Oposição Sindical, que aparentemente era extra institucional. E aí eu falei “bom, isso não é bonito”. Então, quando estava todo mundo entrando no PT eu estava saindo. Eu nunca fiz parte do PT. E sempre olhei com muita desconfiança... não, não desconfiança, mas muito distanciamento. Seja porque eu ache que minha cabeça sempre foi muito pouco partidária, seja porque eu não gostei do que eu tinha visto. Eu nunca gostei, sabe? Nunca gostei. Eu acho que eu vi muita sacanagem, muito golpe sujo. Então, quando estava todo mundo entrando no PT, entrando uma militância muito ativa, eu estava saindo, entrando na universidade, me sentindo em dívida com a universidade porque eu fiquei muito afastada, então, de repente, eu tinha que dar aula. Nunca me esqueço disso. Eu tinha que dar aula de Sociologia II, que era Durkheim, mas a última vez que eu tinha lido Durkheim era quando eu tinha feito Sociologia II. Então, eu passei três anos da minha vida estudando! E só fazia isto e foi ótimo, que eu estudei muito, muito, muito. No mínimo, quando foi em oitenta e qualquer coisa eu li o Habermas inteiro. A *Teoria da ação comunicativa* eu li aí. Então eu acho que daí todo mundo achava horrível. Eu achava ótimo, que eu vinha da coisa da Hanna Arendt, então eu – né? – meio.... Então eu me propus a entender o Habermas, por isso li o Habermas, *Teoria da ação comunicativa* inteiro, estudei e ainda dei um curso sobre isto. Então quando a coisa entrou na moda – entendeu? – eu já estava mudando de assunto. Seja Hanna Arendt, seja Habermas, eu já estava mudando de assunto. E aí eu fiquei nisso, eu passei quatro anos estudando muito. Daí teve a possibilidade de participar de um concurso da USP, que eu me sentia muito sozinha na Unicamp, porque o meu grupo de referência estava na USP, que era a Maria Célia, que era o Eder, a que estava sendo minha orientadora de doutorado, na época, que era a Elisabeth Souza-Lobo, que era mulher do Marco Aurélio Garcia, ela morreu num acidente, mas na verdade quem foi a minha orientadora foi ela. Então todo meu grupo era USP, então eu ficava meio me sentindo sozinha demais na Unicamp. Surgiu a possibilidade pra USP, isso foi em 89, e daí eu passei mais pra fazer o doutorado.

E quando a senhora voltou pra USP, a sua interlocução e o seu tema se mantiveram?

Não, não. Aconteceu uma coisa curiosa. Eu fiz o meu mestrado sobre movimentos sociais porque eu vinha dessa experiência e aí, na verdade, eu mudei de assunto. E aí, na verdade, eu nunca fui uma estudiosa pra valer dos movimentos sociais. Ganhei fama não sei porque. É, porque eu fiz essa... quer dizer, é claro, eu fiz o meu mestrado. Eu não publiquei porque eu achava ele muito ruim. E eu, depois, eu fui reler e ele não era muito ruim. Eu poderia até ter publicado, mas, enfim, aquela coisa, eu achava tudo muito ruim. Mas isso gerou muitos artigos que eu publiquei. Mas logo depois disso, eu fui trabalhar com Lúcio Kowarick no CEDEC. O Lúcio Kowarick montou uma grande equipe no CEDEC. Era uma equipe muito boa, que tinha eu, o Nabil Bonduki, a Rachel Rolnik... a Maria Célia funcionava muito como consultora. E mais... era um bando de gente que era... na época era uma coisa muito interessante o DIEESE... eu não me lembro bem... Você sabe que na época, o DIEESE... era época das greves, justamente, e havia toda uma discussão pra fazer... toda uma discussão que, na verdade, era uma discussão política sobre critérios de medição de desemprego, de salário mínimo, enfim, isso aqui. E o DIEESE tinha feito uma grande pesquisa e pediu algo pro Lúcio sobre condições de vida. Era um material maravilhoso.

Isso no final da década de 80.

É, é. E foi, não sei, acho que foi realizado em 91. E pediu pro Lúcio analisar esse material. Aí o Lúcio montou uma equipe e nós escolhemos uma amostra qualitativa através desse material. Enfim, nós analisamos, eram zilhões de tabelas que nós analisamos, colhemos... então eram anos de discussão em torno dessas tabelas. Produzimos muitas tabelas que nos interessavam à partir de uma base de dados que era maravilhosa e fizemos uma rodada de trabalhos qualitativos. E isso deu origem ao meu doutorado. Meu doutorado não foi sobre movimentos sociais. Portanto, eu passei uns bons anos da minha vida falando sobre outras coisas. Então foi aonde eu me inteirei da discussão de uma certa antropologia operária, sociologia urbana, antropologia urbana. Eu mudei, mudei de praia inteiramente. Que foi quando comecei a entrar nos assuntos... uma discussão sobre pobreza urbana, na verdade. Eu fiquei oscilando: movimentos sociais/pobreza urbana. Mas o que aconteceu. a continuidade, eu te digo qual foi a continuidade. De novo não foi acadêmica. Então eu passei longos anos enfurnada no doutorado. Defendi o doutorado, uma tese que não tem nada a ver com movimentos sociais. Parte do que saiu desse doutorado deu origem, alguns anos depois, ao meu livro *Cidadania e Pobreza*. As coisas mais importantes da minha tese são capítulo que estão nesse... Mas aí eu terminei meio desenxabida por que eu tinha me dado conta que eu passei anos discutindo a questão da pobreza urbana, antropologia urbana e quando eu terminei o doutorado eu percebi que o mundo tinha virado, que a tal da pobreza era outra pobreza, era o início da reestruturação produtiva e eu levei o maior susto. E levei um susto com o meu isolamento. Quer dizer, como é que eu não percebi que as coisas estavam virando. E aí eu fiquei meio. ficou ressaca

de fim de festa. Aquela coisa que você fica... Naquele tempo eu ainda tive o privilégio de ficar mais tempo, vocês ainda têm que fazer a coisa mais rapidinha. Nós podíamos ficar anos enfurnada e aí quando termina essa etapa parecendo um bicho. Você parece um bicho. E era exatamente assim que eu me sentia. E aí, eu tenho um amigo, que é meu parceiro desde os tempos da universidade, que é o Sílvio Caccia Bava, que é meu irmão. Nós entramos juntos nas Ciências Sociais, fomos namorados, ele foi presidente do Centro Acadêmico, então a gente era... eu era a primeira dama, a gente ficou muito conhecido na época. Nós fizemos muita estripulia política juntos, fomos pras periferias juntos, depois, enfim, cada um foi tomando o seu caminho, mas a gente nunca desgrudou um do outro. A um certo momento da vida, eu voltei pra universidade e o Sílvio fundou o POLIS. Mas o POLIS é a minha turma. O pessoal que formou o POLIS é o pessoal que é minha geração e são também as pessoas com quem eu construí relações muito fortes junto com o Sílvio nessas andanças pela periferia. Hamilton Faria, o Jorge Caiano... mas o Jorge Caiano e Hamilton Faria sobretudo, que eram as pessoas, exatamente, que eu conheci nesse período. Eu me lembro que, por exemplo, o Jorge, na época quando eu montei essa escola, eu conheci... eu já tinha conhecido, o Jorge era médico sanitarista lá no fundo da zona leste paulista, não sei se isso significa muito pra você, que em São Paulo as distâncias são meio esquisitas – mas ele era um médico sanitarista, na verdade ele era o chefe de um grande centro... um posto de saúde. Aquela periferia... é fundo da periferia. Que São Paulo é que é essa coisa espalhada. Bom, então, daí eu conheci o Jorge, exatamente, foi nas lidas da militância periférica, nessa mistura popular com operária e tal. E nessa época ficamos muito próximos e ele tinha... ele era casado com a Sandra, que era médica como ele. Nós ficamos muito próximos e, na verdade, quando eu montei essa escola a Sandra montou junto. Então... e daí a gente morou junto, era uma república, enfim, moramo tudo junto... Nesse meio tempo encontrei... cruzei com Hamilton Faria nas épocas das greves, no meio, no meio daquela bagunça das greves, fugindo de polícia, escondendo operário dentro de casa. E ficamos todos muito amigos, muito próximos. Então foi essa turma que fundou o POLIS junto com o Sílvio. E eu não cheguei a fazer parte, vamos dizer, da diretoria do POLIS, porque eu estava em pleno envolvimento acadêmico. Eu estava jogando todas as minhas fichas, estudando compulsivamente nos meus primeiros anos de Unicamp. Então eu só estudava, porque eu tinha que dar aula, foi bárbaro. Acho que o que me deu sustentação na minha formação de sociologia foram esses anos, que eu só estudava pra dar aula. Então era uma coisa... Mas então eu terminei a minha tese em 1992 e estava meio desenxabida da vida, me sentindo um bicho do mato. E o Sílvio um belo dia me aparece na minha casa e me convida pra compor a diretoria do POLIS. Eu fiquei felicíssima e virei diretora do POLIS.

Tudo isso na década de 90...?

E aí, eu descobri, através do POLIS, outro lado daquilo tudo que eu discutia: cidadania inexistente,

o autoritarismo, a invisibilidade, a violência, que são temas que, na verdade, eu tô retomando de novo agora. Mas eu acho que eu to sempre um pouco... eu fico... na verdade essa questão dessas duas fases que não combinam do Brasil, na verdade, eu acho que faz parte do meu assunto. As coisas não se encaixam. Que é um pouco a introdução que eu escrevo nesse livro *Cidadania e Pobreza*. Daí, daí, na verdade, no meu período de POLIS foi quando eu, através do POLIS e, portanto, numa ótica de novo, mas acho que não militante, porque eu já estava meio vacinada. Eu nunca voltei, eu nunca voltei a ser militante e quando o POLIS me incorpora de novo, me incorpora como uma pessoa que veio da universidade e que, portanto, que era o perfil que eles estavam precisando. Mas aí eu começo, de novo, a descobrir o lado político. Pelo menos de São Paulo, então a coisa dos movimentos sociais, os fóruns públicos, os espaços públicos. Então, daí que, na verdade, tem uma sequência de artigos que escrevo, que me deram um pouquinho de fama, mas que de novo não saíram da universidade. Isso foi no período POLIS. É, mas vamos dizer, é interessante eu.... Claro, acompanhei tudo isso com entusiasmo, etc. Mas nunca mais vesti a camisa, entende? E, de alguma maneira, fiquei pouco tempo no POLIS, eu não segurei o tranco. Porque eu tinha que ter um tipo de envolvimento. que é o envolvimento de Ong, que eu não consigo. Eu não conseguia. Tinha desde uma questão física de *timing*, mas tinha coisa de cabeça também. Eu tinha um distanciamento. entendeu? Então o que eu acho que de bom que eu escrevi sobre o espaço público eu devo ao POLIS. Esse crédito eu devo à eles, entende? Por tudo que eu aprendi no POLIS. O que eu pude acompanhar quer dizer, eu não tenho a menor dúvida. A menor dúvida. O que eu escrevi eu estava pensando no que eu via, as discussões que eu via, aquilo que eu podia acompanhar. Então, aquilo lá me municiou... Então, é claro que e aí eu tenho, exatamente, uma cabeça que não é uma cabeça do “ongueiro”. Então, evidente, que.... mas tenho a menor dúvida que eu não teria escrito uma linha do que eu escrevi sem o POLIS.

Como é que a senhora diria que apareceu a idéia do novo? Por exemplo, num texto seu de 81: “o novo caráter do conflito de classe no Brasil pós-64”.

Mas é por isso que eu falei, na verdade, a novidade era da minha geração. E quem disse, quem me ensinou que era diferente entendeu? uma coisa foi a Maria Célia Paoli, era academia. Agora, eu era o agente da coisa. Eu estava metida em comissão de fábrica. Eu estava metida em comunidade de base. Então, eu lia os autonomistas desde os anos 70, não é? Quer dizer, então, vamos dizer de repente houve um encontro que foi, que na verdade, a Maria Célia, a produção dela que me fez ver que tinha uma tradição de estudos na academia brasileira que era outra. Eu não sabia. Eu era jovem. Ser jovem nos anos 70 significa ser da política. E fazer política nos anos 70 significa fazer política clandestina. Fazer política clandestina nos anos 70 significa em grande parte, no caso, pelo menos em São Paulo, acho que não só São Paulo, que é fazer exatamente política das comissões de fábrica,

dos movimentos, não sei o quê. Quer dizer, eu vinha com a experiência do novo... aquilo que foi chamado de novo, que era um pouco esse tipo de coisa que estava sendo... Então, pra mim, não é que eu descobri. Quer dizer, teve um momento... eu tematizava isto numa chave mais política, vamos dizer, libertária, autonomista. Mas isso... não me pergunte como, mas é por que quando eu fui ler o Lênin pela primeira vez eu fui ler o Lênin tendo lido a Rosa de Luxemburgo antes. Eu fui ler o Lênin para cair de pau no Lênin. Quer dizer, e lia Trotsky.... né? então eu fazia uma aposta política da autonomia da classe operária e tal, não sei o quê, não sei o quê. Depois que eu aprendi como se imaginava que a classe operária pensava na tradição brasileira. Eu vim aprender isso depois. Os anos 70 foram anos de muito questionamento desta tradição. Então, pensem um pouco, até porque, não por acaso, são as minhas vinculações ainda hoje. Quer dizer, tô falando isso porque eu acabei de escrever um pouco sobre isto. Quer dizer, foi o Chico de Oliveira em 1972. Então, a Maria Célia, assim como o Lúcio Kowarick que, vamos dizer, são as pessoas de uma geração mais próxima que na época, é claro, quando a gente é mais jovem uns 5 anos de diferença de idade é uma bruta diferença. significa... depois as diferenças vão diminuindo. Mas quando nós somos mais jovens qualquer três anos faz uma bruta diferença. Bom, então, vamos dizer, Maria Célia, assim como Lúcio, acho que o Lúcio talvez seja um pouquinho mais velho que a Maria Célia, não sei bem... é, eu acho que sim, um pouco mais. Mas enfim, eles são geração anos 70. quer dizer, eles foram pautados, talvez, por um tipo de debate que foi um pouco... eles foram formados num tipo de debate que talvez tenha sido um pouco pautado pelo Chico. Houve para a geração Chico, que fez a crítica ao cepalinos. Não é a toa que ele debate sobre modernização brasileira, todo um debate do começo dos anos 70 no CEBRAP.

E a crítica ao populismo...

A crítica ao populismo. Então tem... Weffort, Weffort foi fundamental nisto. Aquele livro dele... *O Que é Política?* Tem um livro dele que é fundamental que você localiza. É um livro de 1980. Esse é um livro que... porque, na verdade, ele vai introduzir Hanna Arendt, ele vai introduzir Toqueville, ele vai dizer se nós não tivéssemos sociedade civil nós teríamos que inventá-la pra poder combater o autoritarismo. Então, na verdade, tem um debate que tá vindo, que tá vindo dos anos 70. A crítica da modernização conservadora, aí vai ser, evidentemente, a crítica ao PC. É evidente que nesses embates, se você vai entrevistar os intelectuais do PC, eles vão achar que tá tudo errado. Evidente. Então, você tem que... não acho que tudo tenha vinculação ideológica, mas eu acho que tem um campo polêmico, entende? Sem a qual não se entende. Tem um campo polêmico que tem que ser pensado. E aí então eu... então eu acho que tem isso. Anos 70 que é uma não de revisão fundamental. Tudo isso que tá passando pelo crivo da crítica. Enfim, a geração pós-64. No fundo, vamos dizer, 70 é pouco tempo, é a mesma geração que passou 64, 68. Então é a turma que tá

fazendo tudo isso pelo fogo da crítica. Então vai ter Chico de um lado e o Weffort, que é mais moço eu tenho impressão, o Weffort é mais moço um pouco. Não, mas de qualquer maneira, vamos dizer, é uma conjuntura polêmica muito importante. Vai ter a turma que vai beber nessa fonte, que são... a Maria Célia, quando ela faz a tese de doutorado dela, ela já vai fazendo em uma chave próxima ao Chico de Oliveira, ou ao que seria o Chico de Oliveira, no sentido de uma certa crítica de uma certa concepção da modernização. Assim como o Lúcio. Então é uma gente que tá de olho nisso, tá com as antenas. E quando chega no final dos 70, começo dos 80 e começa a pipocar as greves, os movimentos, etc., etc., esta gente pôs as parabólicas. Mas eles já estavam com as parabólicas ligadas. Então eu acho que se vai ter que reconstituir um pouco essas polêmicas, pelo menos situá-las minimamente. Se não você não entende. Então eu acho que vieram essas coisas...

Mas o pessoal, as pessoas que estavam nesses movimentos, nas CEBs, havia um discurso de novidade também de parte deles, de diferenciação entre novos e antigos movimentos sociais urbanos?

Das comunidades sim. Das comunidades eu tenho impressão que sempre foi... ficou muito claro. Eu acho que mesmo que não seja uma discussão erudita, enfim, evidente. No sentido de uma elaboração conceitual eles sempre tiveram muita clareza que eles estavam fazendo uma coisa nova. E tem uma coisa que eu discuto muito na minha tese de mestrado, que deve estar em algum dos artigos que eu escrevi, era uma coisa que eu me dava conta. E isso foi fundamental na maneira que eu escrevi a minha dissertação de mestrado. O pessoal da Ceb que estava fazendo a tal opção, radical, eles tinham absoluta clareza do que eles estavam fazendo. Isto não saiu do nada, isso tem uma linhagem, mas eles tinham muita clareza que o ponto de ruptura que eles estavam significando em relação à tradição católica e mesmo com relação à esquerda católica. Eles estavam radicalizando. E ao mesmo tempo eles tinham também uma clara noção de que havia alguma diferença... então, claro que isso tem... são heranças. Evidente que isso não sai do nada, isso é coisa que vem de um certo tipo de atuação social da igreja. Essas coisas têm, enfim, eu não saberia remontar. Geralmente quem pesquisou isso sabe, mas tinha uma certa noção de que algo de importante estava sendo feito. De um outro lado, isso aí foi uma coisa central na minha dissertação de mestrado. E tinha dissidência de esquerda. E essa dissidência de esquerda... acho que foi por isso que para mim o encontro com o Eder foi um encontro meio de almas gêmeas. Quer dizer, eu levei um susto na hora que eu encontrei com ele e ele levou um susto comigo. “De onde é que está vindo esse menino que está falando isso?”. Mas o que eu via era uma turma de esquerda que tinha passado por duas derrotas: 64 e 68. Então, a experiência política da derrota entendeu? E a derrota das organizações que se lançavam no terrorismo, na guerrilha... Então, na verdade, o pessoal com quem eu convivia e que foi se articulando na oposição sindical e que tinha esse espaço de articulação, não

tinha outro lugar. Era uma turma que vinha desta experiência de duas derrotas. E na verdade duas e meia ou três, porque se pensar que que estava sendo a distribuição da esquerda naqueles anos, a esquerda armada. Então, a crítica da esquerda e no interior da esquerda também estava acontecendo. Então, a crítica ao populismo de esquerda, a crítica ao aparelhismo, a crítica ao militarismo. Então, essa coisa toda... então isso também foi galvanizando, vamos dizer, gente que vinha de linhagens diferentes e que estava se agrupando ali. E que, portanto, tinha uma noção muito clara de um certo ponto de ruptura em relação à uma certa tradição de esquerda. Então, vamos dizer, então essas coisas eu acho que elas foram importantes no sentido de uma, de uma... da percepção que tinha algo de novo acontecendo, não no sentido de um novo inaugural, entende? Mas é por que tinha um ponto entendeu? Tinha um ponto de clivagem. E eu acho que é uma clivagem histórica. A gente teve que se adequar desde 68. Então – sabe? – essa clivagem foi fundamental. Tanto na academia quanto neste mundo subterrâneo da esquerda que tinha sobrado, que são os sobreviventes, na verdade, da esquerda. São sobreviventes da esquerda. Quem estava atuando naquele período são os sobreviventes e tinham que elaborar isto. E na academia era o CEBRAP que estava fazendo essa crítica. Quer dizer, era o Chico, o Weffort. Desde essa época a relação tensa com o Fernando Henrique. Porque a coisa me pegou mais intensa exatamente essa... toda polêmica entre o Faletto, aquela coisa toda sobre desenvolvimento e autonomia.... que é uma coisa que na época eu não entendia muito bem, até hoje eu não entendo muito bem, eu era muito menina, essas coisas pra mim... que eu estava metida em outras coisas mais importantes, pra mim. Na verdade era essa a polêmica. E daí, quando a coisa foi se dissolvendo, quer dizer, uma turma foi criar o CEDEC, outra turma foi criar o IDESP. E, na verdade, é isto né? Ou seja, então, essas coisas estavam... entendeu? Então, na hora que a coisa ganha forma nos anos 80, nos movimentos, na verdade, foi um momento que vai um pouco catalizando uma polêmica e uma exigência de revisão crítica de passar limpo a nossa história que vinha dos anos 70. E eu que nessas alturas, quando vem, quando estoura essas coisas, enfim, quando estourou a greve, quer dizer... todos nós estávamos ali. Tinha um Fiat 147, foi o primeiro Fiat que foi lançado. Parece uma caixinha de fósforo, pequetitico assim, uma porcaria de carro. E, bom, eu sou boa motorista. Então, e além do mais era mulher. Então, isso facilita pra escapar de polícia. Mas, então, eu fazia a segurança e fazia o esquema de apoio. Então, eu passava por todos os piquetes, daí eu levava água, levava comida... eu nunca vou me esquecer que eu estava fazendo a ronda, eu ficava com um carrinho circulando pra passar informação, evidente não tinha celular naquela época. E eu ia lá com meu Fiat. E nunca vou me esquecer que... quando eu chegava era aplaudida, que eu levava água, levava maçã, avisava, o pessoal parava.... e aquele piquete enorme e eu no Fiat. Nuca vou me esquecer que teve um dia que chegou a polícia. O pessoal não teve a menor dúvida, eles levantaram eu e meu Fiat pra cima pra polícia não reparar. Então eu fiquei suspensa no ar... aquela massa! Então aquele piquete que devia ter não sei quantos, aquela coisa

enorme! Então, agora, tinha, sim, uma noção da novidade. E acho que todo mundo tinha uma noção da novidade. Mas isso que isso foi pautado, vamos dizer, de formas diferentes. Então tinha, por exemplo, eu via... a gente via aquilo, eu com Rosa de Luxemburgo na veia – tá certo? – eu achava que era novidade em relação à tradição do PC, do aparelhismo do PC. Era a questão das massas, a questão operária, que era importante... claro, eu sempre fui muito estudiosa. Eu acho que todo mundo tinha uma idéia de que tinha alguma coisa. E daí a academia deu a forma acadêmica.

Como a senhora fala aqui, em relação aos movimentos sociais: “uma experiência tão nova em relação às tradições políticas conhecidas que passava a exigir novos códigos e novas palavras.” Acha que os movimentos sociais, a trajetória deles no Brasil, fizeram jus à essa sua afirmação? Eles realmente estabeleceram novos códigos, novas palavras?

Eu acho que nesse momento... eu como tive a minha cabeça formada, além da Rosa Luxemburgo, por Castoriadis, que foi a minha grande leitura. Pois é. Eu acho que naquele momento eles fizeram jus porque eles eram isto. Porque tinha uma dimensão instituinte, tá certo? Quer dizer, eu acho que não faz muito sentido depois em dizer até que ponto eles corresponderam à promessa. Que o que importa na promessa é promessa. É ela que cria a coisa. E depois... depois é depois. Sabe, então, eu não entraria nessa conversa. Eu acho que é uma conversa equivocada. Agora, eu também não vou dizer: sim, bom, então agora, vendo vinte anos depois, ainda vendo a “caca” do PT dizendo “olha só que...”. Não, eu não acho. Não acho. Eu acho que é uma maneira equivocada de discutir as coisas. Então, aquelas pessoas dizem “não, mas além de tudo a gente sabe que não era bem assim”. Bom, mas e daí? E daí? Naquele momento ele teve uma força, um poder de ressonância que é o que produziu. Mas o que era instituinte virou instituidor e aí tem a “caca” do instituído, agora. Quer dizer, eu acho que a gente não tem o direito de fazer esse tipo de crítica e mitificar “meu Deus!”, “que dor!”. Eu acho a tristeza porque deu tudo errado... O Brasil mudou muito, muito. Eu não sei se deu tudo errado. Então, eu não entro nessa conversa, sabe? Então, ele naquele momento foi. E eu acho que teve muita coisa. Agora, à partir daí... entende? Quer dizer... a gente pode até fazer a discussão, o que são os movimentos hoje, etc., etc., mas sem entrar nessa conversa de fez jus ou não fez jus à promessa. Que tudo ali não foi uma promessa. E ela foi muito fecunda. Foi muito fecunda.

Em 84 a senhora escreve um artigo com a Maria Célia e com o Eder Sader, *Conhecendo a Classe Operária...*

Isso foi nesse grupo de estudo que nós fizemos. É isto. Na verdade, a gente resolveu... tudo isso, na verdade, surge de um texto da Maria Célia, em que ela foi mapeando exatamente a produção sociológica naquela época recente e foi se dando conta que tinha alguma coisa ali que estava em curso. Então juntou ela, o Eder – que vinha do exílio, estava chegando com a proposta autonomista

– e eu que vinha dessa experiência operária, popular – eu era a pobre. Então formamos um grupo de estudo. Neste grupo estudo... daí a gente foi ler o Lefort, daí a gente foi ler o Merleau-Ponty, daí a gente foi ler muito filosofia. Então foi, foi um período maravilhoso. E deu origem a essa... o Thompson também, claro.

Porque, de certa forma, eu acho que tem uma peculiaridade nesse artigo... que é um dos poucos olhando como é que os intelectuais olham os trabalhadores. Como é que veio esse questionamento?

Eu acho que isso veio da Maria Célia Paoli. Ela que estava portando isso. Ela fez isto. Então, na verdade, até porque eu não tinha experiência acadêmica nenhuma. Eu estava começando o meu mestrado a essa altura do campeonato. E não tinha experiência acadêmica. Então, quem tinha experiência acadêmica era a Maria Célia. De nós três, a gente formava uma trinca: eu, Eder e Maria Célia. E era uma trinca muito interessante, por que, no fundo, cada um de nós tinha um perfil muito próprio. Eu era essa menina que – claro! Muito estudiosa, eu sempre fui muito curiosa, eu lia Lefort, lia Hanna Arendt, sabe lá da onde caiu, do além isto. Ninguém lia. Lia Hanna Arendt... o Lefort começamos a ler, mas Hanna Arendt ninguém lia. As pessoas começaram a ler dez anos depois. Mas eu vinha desta experiência provavelmente por que eu lia os autonomistas. O Eder que vinha da coisa autonomista. Vinha da POLOP, POC e de longos anos de exílio. Então, a pessoa que tinha uma experiência acadêmica era a Maria Célia, que nunca saiu da academia. Quer dizer, ela chegou de Curitiba muito jovem. Quer dizer, ela, ela... enfim, muito jovem... ela terminou a graduação... entendeu? Ela fez a carreira corrida, como toda a geração dela. Então, exatamente, ela vinha da experiência acadêmica. Então foi um encontro muito feliz esse encontro dos três. E deu muito certo na época. E era muito divertido além do mais. Mas quem tinha experiência acadêmica e, vamos dizer, erudição acadêmica era a Maria Célia, não tenho a menor dúvida.

A senhora acha que, avaliando hoje, os estudos desse campo, vamos dizer assim, de movimentos sociais, o que ele mudou na sociologia brasileira, nas ciências sociais brasileiras? Ele trouxe algo de novo? O que que ele renovou? Uma pergunta um pouco ampla essa...

Pois é... mas aí...é ... eu acho que eu estou tão distante hoje em dia desse tema que eu acho que eu vou te dar uma resposta tão genérica. Você deve ter ouvido respostas muito mais interessantes do que... Mas, vamos dizer... mas eu acho que teve uma renovação de noção de política, isso eu não tenho a menor dúvida. Mas a coisa política pensada pelo social... que é uma coisa que no fundo eu elaborei muito na chave do Lefort. Quer dizer, era Castoriadis e Lefort. Eu acho que eram as duas grandes referências pra mim. Nos anos 80 mais Lefort. *A Invenção Democrática* do Lefort, que pra mim foi “o livro”. O livro que me marcou foi *A Invenção Democrática* do Lefort. É... é... então eu

acho, eu acho que renovou, quer dizer, eu acho que renovou e deslocou, quer dizer, no sentido de nos ensinar a pensar a política numa outra... de uma outra maneira. Não pelo Estado, mas pensando a questão da relação entre política e sociedade enquanto... nesta chave. Eu acho que certamente, certamente.

Os que estudaram nessa orientação acabaram trazendo novos autores que não estavam nos currículos?

Suponho que sim, mas eu não... suponho que sim. Seria lógico. Mas eu não saberia nomear. Até porque eu tenho a impressão... nunca pensei nisso, mas eu tenho impressão que apenas depois disto é que vai gerar uma linhagem enorme de autores e obras sobre movimentos sociais. Nesse momento não tinha. Só tinha o Lefort. Depois é que vem uma... que começa “a” teoria dos movimentos sociais. E confesso que nunca gostei delas. Eu leio e acho tudo muito chato, uma chatice. O Offe me interessa menos pela teoria dos movimentos sociais e mais pela teoria do mercado. Que eu acho que tem uma coisa... uma teoria... tem uma coisa interessantíssima ali. Que foi quando eu li o Offe foi pra discutir a teoria do mercado, não pelos movimentos sociais. Acho todas essas teorias... sempre achei elas meio enfadonhas e elas nunca me convenceram muito. Nunca li o Touraine. Nunca tive vontade depois. Nunca tive saco de ler o Touraine. Hoje a literatura, a teoria dos movimentos sociais, eu nunca fui atrás. Até porque na hora que essa teoria entrou eu já estava mudando de assunto. E ela nunca me convenceu. Eu nunca consegui. Nunca consegui ler. Eu sempre achei ela muito chata. Deve ser falha minha. E, de qualquer maneira, se for fazer uma análise da minha biblioteca... devo ter uma prateleira de sociologia e três de história. E uma e meia de graça. E sociologia mesmo eu tenho o básico. Então, tem bastante antropologia, quase que mais. Sempre li muito mais filosofia do que sociologia. Então... e, de qualquer maneira, eu tenho impressão que as teorias vieram depois. E quando elas vieram, quando elas chegaram... claro! Essas alturas eu estava, enfim um pouco fazendo frutificar a minha experiência do POLIS... Mas aí eu usava Hanna Arendt e Habermas. O máximo que eu consegui chegar foram os dois. E o resto eu comecei... até que tentei, mas não.... não pegou. Mas eu nunca participei de ANPOCS em grupo de movimentos sociais. É. Por isso eu não sou uma boa entrevistada pra você. Porque eu tenho impressão que eles também não me consideram uma... alguém que seja da turma. Quer dizer, poder até ser que eu tenha participado. Que era razoável que alguém tivesse me convidado e tal. Mas, vamos ver, o meu engajamento era coisa circunstancial. Se me convidaram... devo ter participado disso.

Só pra finalizar, a senhora sendo de uma família de origem, enfim, que não é pobre, como hoje, explicaria... muito sucintamente, o que me chamou a atenção logo no começo, essa ida ao povo, a ida à periferia. O que mais te motivou?

Já me fizeram essa pergunta e eu não sei porque. No começo dos anos 70, era uma coisa que estava tão posta. Sabe? Era um pouco... eu acho que eu fiel à minha geração. Eu acho que foi um pouco isto. Eu acho que eu estive à altura da minha época, nesse sentido de um certo engajamento. Mas, vamos dizer, eu nunca consegui me engajar no movimento estudantil. Aquilo lá me irritava, me intimidava. E sou tímida em público. Hoje em dia não. Eu já sou um pouco mais puta velha, mas... entendeu? Eu era muito menina, eu me achava, enfim, tinha aquelas coisas de garota, que a gente sempre tem mil problemas, se acha.... se acha isso... aquelas coisas que a gente tem quando é muito jovem. Então, aquele movimento estudantil me intimidava, eu achava muito agressivo. E eu nunca entrei. Vamos dizer, eu poderia ter tido como escolha, como tantos da minha época, ter entrado em outras militâncias. Porque que eu fui parar no Jardim Jacira. Eu tomava três ônibus pra chegar lá, entendeu Uma coisa... E... eu achava importante. Não sei... Não é uma experiência que eu tenha feito com tranquilidade. Eu achava penoso isto. Penoso conviver com aquele mundo... não o mundo, mas eu achava... sempre achei muito penoso conviver com a esquerda. A esquerda é muito sectária. Eu tinha um namorado que achava que eu tinha que trocar meu sobrenome. Entendeu? Porque meu sobrenome haveria de me trazer muitos problemas. É. Então, tinha um sectarismo que era muito cruel. Tinha um ódio, que a gente chamaria um ódio de classe, que me espantava, que me incomodava. Talvez porque eu era... eu não era pobre, mas tinha uma... pra mim era penoso aquilo. Não por que eu me sentisse atingida, que a essa altura já tinha rompido com a família, fazia questão de esconder meu sobrenome... Não é bem isso. Quer dizer, e a minha família também, vamos dizer... alguns dizem que é o traço... o único traço positivo que tem das famílias com um certo ranço aristocrático. Por que a gente também se despoja um pouco de algumas coisas. Tem uma maneira um pouco mais altaneira. E eu era de uma família, vamos dizer, com *pedigree*, mas com pouco dinheiro. Não é que eu vivesse em uma casa maravilhosa, tivesse – entendeu? – uma coisa... “A riquíssima que foi lá ver periferia”. Não. Era um padrão de vida muito classe média apertada. Só que tinha *pedigree*. Só isso. Mas então esse mundo de periferia tinha sempre algumas coisas que eu acho que sempre me incomodaram. Acho que também, por isso, que eu fui para uma elaboração política tão alternativa. Que tinha alguma coisas que... entendeu? Que me incomodava profundamente.

Créditos:

Entrevista concedida a Marco Antonio Perruso, em 25 de abril de 2006, cedida ao Arquivo de Memória Operária (IFCS-UFRJ) e publicada no livro “Ciência e Política: Memórias de Intelectuais” (org.: Marco Antonio Perruso e Mônica da Silva Araujo, Mauad X/FAPERJ, 2015).